

AS REPRESENTAÇÕES SOCIOESPACIAIS COTIDIANAS DOS ASSENTAMENTOS RURAIS EM HEITORAÍ, GOIÁS

Jean Carlos Ribeiro de Lima¹
Mary Anne Vieira Silva²

1 Mestrando do curso de Pós-graduação (TECCER) do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

2 Doutora em Geografia e Docente da Universidade Estadual de Goiás.

Introdução

A pesquisa que ora se apresenta busca responder ao seguinte problema: quais as representações socioespaciais cotidianas dos assentamentos rurais em Heitoráí, Goiás e as trajetórias histórico-políticas dos assentados?

Com este propósito, o objetivo geral do estudo é compreender e identificar o substrato das conflitualidades, os mecanismos de resistência, e as representações, no aspecto socioespacial, dos sujeitos assentados do município de Heitoráí.

Ademais, intenta-se compreender a inserção/origem dos assentamentos rurais de Heitoráí, a partir dos processos formadores do cerrado brasileiro. Logo, apreender os movimentos organizados dos assentados para o enfrentamento das ações políticas dominantes em Heitoráí. Por último, pretende-se analisar as formas de resistências constituídas nos cotidianos fragmentados dos assentamentos (feiras, festejos, exposições, dentre outros) como possibilidades de rupturas do binômio capital-estado.

Referencial Teórico

A demarcação teórica dar-se-á por campos clássicos que evocam a composição do campesinato a partir das contribuições de José de Souza Martins (1990); o autor traça uma análise histórica, política, econômica e social, assentada sobre uma crítica – ancorada sobre o materialismo histórico dialético – acerca da formação do campesinato brasileiro a partir dos processos formadores do território nacional.

A despeito da trajetória histórico-política e social do camponês, nota-se, com efeito, que os assentamentos rurais se inserem numa teia de resistências face à lógica do capital. De acordo com Jadir Pessoa (1999) é a partir das décadas de 1960 e 1970, que especificamente surge um “novo campesinato”, com características próprias de sociabilidades, identidades, representações, organização e resistência. É a partir de uma inevitável tenção entre rupturas e continuidades, que podem ser encontrados elementos significativos para se

afirmar a existência de um “novo camponês”, que se promove enquanto sujeito histórico, social, político, econômico e, mais além, como sujeito que resiste e luta.

Em consonância com o exposto, Caio Prado Junior (1963) dispõe de argumentos práticos-concretos sobre a composição do território nacional no âmbito da História Econômica e Social. Sua tese versa sobre o tripé latifúndio, monocultura e escravidão que definiu, grosso modo, a estrutura agrária da sociedade brasileira.

A partir desta análise de formação e construção do território, abordaremos seguidamente a proposta de estudo teórico que ancora esta pesquisa, a saber, a questão que envolve o conceito de “representações”, que neste caso, centra-se nas contribuições teórico-metodológicas de Henri Lefebvre.

Para o autor, o plano da vida se fragmenta por vivências traduzidas por diferenças; aqui, se descortina o processo de apreensão do que se trata por cotidiano. Lefebvre (2006), considera o espaço como resultado da ação humana enquanto projetos de representações que subsistem e, logo, se integram a outras formas de ver e conceber o mundo. Em síntese, as “representações” dos sujeitos sociais, está ancorada numa Teoria das Representações do espaço e da vida.

A assertiva de Lefebvre é corroborada por Valtuir Silva (2008, p. 41), em que este afirma ser o cotidiano categoria essencial para compreensão das resistências instituídas a partir do campo. Na perspectiva do autor, “esse cotidiano não pode ser entendido apenas como imposição, através de poderes constituídos, mas como capaz de instituir significados, de tentar moldar a vida e seus valores, num processo em que aparecem os vários exemplos de resistência”.

Assim, deve-se procurar entender os meios de adaptação dos assentados de Heitorai em relação ao espaço, ao território, ao trabalho e a cultura. Compreender também e acima de tudo, a relação de pertença desses sujeitos com a terra, ou seja, o espaço e o território que se faz pertencer. Nesta direção, Denis Castilho (2007) assinala que é necessário deprender as variadas formas de resistências advindas do campo não apenas pelo caráter político, mas também, levando em consideração uma ideia de “ambientação socioespacial”, entendida como um processo de relação de pertença dos sujeitos com o território.

Isto posto, entende-se que o estudo da ruralidade brasileira seja de importância capital. Sérgio Leite (2004) enfatiza que o estudo e a compreensão dos assentamentos rurais passam, necessariamente, por uma interpretação do meio rural, seu contexto histórico e os

sujeitos sociais pertencentes a este. Em mesma direção, Sônia Bergamasco (2003) assinala que os assentamentos, de modo geral, estão relacionados com a ideia de Estado, poder e Reforma Agrária. Segundo a autora, a perspectiva dos assentamentos rurais é histórica, envolve uma complexa relação de poder e políticas públicas.

Por outro lado, é preciso pensar os assentamentos a partir de seu interior. Analisar, segundo consta os pressupostos teóricos de Rosimeire Scopinho (2012), a organização dos sujeitos pertencentes a este espaço (dos assentamentos), as estratégias de produção e relações sociais, políticas, econômicas e culturais, é fundamental para promover qualquer debate sobre a política de assentamentos.

Em última instância, Gerd Sparovek (2005) assevera que qualquer debate ou discussão sobre assentamentos rurais passa por uma verificação atenta e cautelosa acerca da questão de Reforma Agrária. Pesquisar as trajetórias socioespaciais dos assentamentos é um profuso debate sobre as políticas de reforma da estrutura agrária brasileira, bem como sobre os conflitos no campo e as forças políticas em jogo.

Portanto, o estudo dos assentamentos rurais, como se viu, é parte integrante da nossa história, particularmente a história agrária e rural brasileira. Com o intuito de compreender e analisar os espaços e as temporalidades dos assentamentos rurais em Heitorai, objetivamos também contribuir para o debate da questão agrária brasileira em âmbito social e científico.

Metodologia

Em primeira instância, a metodologia adotada seguirá um conjunto de análises referente ao debate sobre a questão agrária que envolve, entre outros temas, os assentamentos rurais. O segundo momento da pesquisa será o de levantamento de dados e fontes. Isso será possível a partir de visitas e estadias nos assentamentos do município. Por meio deste acompanhamento direto, utilizaremos da oralidade, com aplicação de questionários semiestruturados e recolhimento de depoimentos através de entrevistas realizadas. Para estas últimas, utilizaremos um gravador de voz, bem como câmera digital fotográfica para captação de imagens e gravações, além da utilização de outros recursos desde que pertinentes.

Realizaremos visita aos arquivos da Comissão Pastoral da Terra (CPT) localizada na cidade de Goiás, bem como aos documentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na cidade de Goiânia. Será alvo de inspeções os documentos

recolhidos nas associações de cada assentamento e daqueles que trabalham em cooperativas. Logo após o levantamento de dados realizar-se-á uma depuração dos elementos disponíveis, bem como seleção daqueles que sejam de fato, pertinentes ao estudo.

Resultados e Discussões

A produção do espaço dos assentamentos de Heitorai se faz dentro da lógica desigual de apropriação, diante dessa realidade se percebe nos cotidianos dos assentados várias ações que podem ser apreendidas na condição de rupturas de lógicas que asseguram o binômio capital-estado.

O plano da vida se fragmenta por vivências traduzidas por diferenças, aqui, se descortina o processo de apreensão do que se trata por cotidiano pautado nas ideias de Lefebvre (2006). A crítica ao plano cotidiano recupera as teses que versam sobre o urbano, o rural, a cidade e a modernidade. Para subsidiar essa trajetória de pesquisa se propõe uma investigação interdisciplinar que perpassa os campos da economia, política, sociologia e geografia.

Com efeito, as trajetórias histórico-políticas dos assentamentos de Heitorai, Goiás, constitui, no âmbito nacional, regional e local, um importante contexto dentro do processo formador do Cerrado brasileiro. Portanto, a realidade cotidiana, os mecanismos de resistências, e as formas de representações num dado sentido socioespacial, tomam os vértices da experiência histórica do homem do campo.

É importante destacar que a pesquisa ainda está em fase inicial, no intento de estabelecer a melhor estratégia de análise e materiais. Apresentar resultados concretos seria imaginar situações que nem sequer foram ainda verificadas. O que podemos oferecer são algumas noções preliminares e resultados parciais sobre o tema.

Conclusão

A pesquisa em curso procura compreender as representações socioespaciais dos assentamentos rurais em Heitorai, Goiás. Para o desenvolvimento do estudo será pertinente uma revisão historiográfica acerca das obras e autores, clássicos e contemporâneos, que versam sobre o tema. Além disso, disporemos de um arcabouço teórico-metodológico sobre a questão agrária brasileira no conjunto das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do território.

Em termos gerais, o estudo ancora-se sobre o método materialista dialético de análise da realidade dos assentamentos. Nesse propósito, buscaremos por uma assimetria conceitual, sobretudo pautada nas contribuições de Henri Lefebvre, acerca do entendimento das “cotidianidades”, das rupturas do binômio capital-estado, bem como das “representações” que caracterizam os dispositivos organizativos dos assentados.

O espaço como produtor de significados e representações, sem abandonar outras questões centrais – Estado, capital, trabalho, renda da terra, etc. – será um dos conceitos por nós abordados de modo acurado. A partir da compreensão do espaço e de suas temporalidades, o estudo das representações cotidianas dos assentamentos em Haitoraí, Goiás, será melhor concatenado.

Referências

BERGAMASCO, Sônia Maria. **“O Que São Assentamentos Rurais”**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CASTILHO, Denis. **“Tempo do espaço, tempo da vida: uma leitura socioespacial de Heitorai”**. Goiânia: Ellos, 2007.

JUNIOR, Caio Prado. **“Formação do Brasil Contemporâneo”**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1963.

LEFEBVRE, H. **“La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones”**. México. Fondo de Cultura Económica, 2006.

LEITE, Sérgio. **“Impactos dos Assentamentos – um estudo sobre o meio rural brasileiro”**. São Paulo: UNESP, 2004.

MARTINS, José de Souza. **“Os Camponeses e a Política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político”**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

PESSOA, Jadir de Moraes. **“A Revanche Camponesa”**. Goiânia: Editora da UFG, 1999.

SCOPINHO, Rosimeire Aparecida. **“Processo Organizativo de Assentamentos Rurais: Trabalho, Condições de Vida e Subjetividade”**. São Paulo: Anna Blume, 2012.

SILVA, Valtuir Moreira da. **“Itapuranga e a (Re) Invenção da História”**. Goiânia: Vieira, 2008.

SPAROVEK, Gerd. **“A Qualidade dos Assentamentos da Reforma Agrária”**. São Paulo: Páginas e Letras Editora e Gráfica, 2003.